
De Ivana a Ivan. A transexualidade em A Força do Querer, os resultados de um estudo de recepção¹

Anderson Luiz de MELO²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO

O presente trabalho constitui-se de parte dos resultados, do estudo de recepção realizado por este pesquisador com quatro transexuais, telespectadores da telenovela *A Força do Querer*, a respeito da representação da transexualidade na referida produção. Pesquisa desenvolvida com o objetivo de reunir um aporte teórico, que possa colaborar para a tessitura de um juízo de valor sobre esta narrativa televisiva.

PALAVRAS-CHAVE: telenovela, gênero, transgênero, transexualidade

Introdução

A doação de medula óssea, a dependência química, o alcoolismo, a violência doméstica, os direitos das empregadas domésticas, as dificuldades de pessoas autistas, a tolerância religiosa, o racismo, a vida de pessoas com esquizofrenia, o tráfico humano, esses são alguns dos principais temas abordados pelas telenovelas e que tiveram o seu alcance ampliando, diante da exposição em horário nobre, permitindo que os telespectadores conheçam temáticas distantes de suas vivências.

A seu modo. Estabelecendo permanentemente as relações com a cultura, essas narrativas da televisão nos enredam e nos fazem navegar 'por mares' não apenas 'nunca dantes navegados' mas também pelos 'nunca navegáveis', ou só navegáveis no virtual. E cada vez saímos dessa experiência de navegação de modo diferente daquele que começamos o percurso. Ajudando a compreender a escrita da 'carta marítima', ajuda-nos a chegar a terra com horizontes ampliados. E não reduzidos. E promovem a nossa inserção na dinâmica social (BACCEGA, 2003, p.10).

¹ O presente trabalho contém parte dos resultados do estudo de recepção desenvolvido para a monografia *De Ivana a Ivan, a transexualidade em A Força do Querer*, desenvolvido como parte dos requisitos para a conclusão do curso de pós-graduação (lato sensu) em Teorias e Práticas da Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, com a orientação da Dra. Roberta Brandalise, e agora apresentado no GP 9 –Estudos da Televisão e das Televisualidades, do 42º Congresso de Ciências da Comunicação, realizado de 2 a 7 de setembro de 2019.

² Bacharel em Jornalismo pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP) Salto-SP, Especialista em Teorias e Práticas da Comunicação, pela Faculdade Cásper Líbero (FACASPER) São Paulo-SP, e-mail: anderluizmelo@gmail.com.

E nesse processo de agendamento do debate público, a telenovela colabora para a garantia de cidadania e para a conscientização sobre o respeito às minorias políticas, comunidades, categorias profissionais e grupos desconhecidos pelo grande público, além de colaborar para o avanço de direitos humanos e até mesmo trabalhistas, como foi o caso da telenovela *Cheias de Charme*, a produção de 2012 incentivou que trabalhadores domésticos conhecessem seus direitos e que patrões contratem dentro da lei, o engajamento ultrapassou o espaço ficcional, e as atrizes Taís Araújo e Malu Galli, integrantes do elenco, participaram de uma campanha promovida pela Rede Globo, a Organização Internacional do Trabalho (OTI) e a ONU Mulheres, tratando da temática³.

A inclusão do cotidiano, seus temas políticos, econômicos, sociais, seus comportamentos mecânicos se dá numa lógica ficcional que tem por referência a lógica cultural daquela sociedade. Assim, as transformações que ocorrem no nível ficcional, a solução de tensões, o encaminhamento de soluções de problemas passam a sugerir soluções possíveis no nível do real, pois estão todos imersos na mesma história cultural: dramaturgos e espectadores (BACCEGA, 2003, p.10).

A promoção de cidadania e do respeito às diferenças, são exemplos de como telenovelas adentram o espaço das vivências sociais dos telespectadores, “a telenovela rompe assim o espaço privado e se sedimenta no locus público” (ANDRADE, 2002). Aquilo que era desconhecido ou motivo de discursos preconceituosos e estranhamento, passa a integrar a rotina das famílias todas as noites, ao longo dos meses de exibição da produção.

Essas “informações”, por outro lado, irão entrar no circuito social, através das conversas cotidianas das audiências, que terão lugar tanto na esfera pública como na privada, instituindo uma rede de sociabilidades complexa (ANDRADE, 2002).

A gravidade do preconceito contra as minorias políticas é uma das principais temáticas a serem, historicamente, promovidas pela telenovela, confirmando a importância da televisão para o amadurecimento da sociedade, “como bem sabemos, as pessoas podem, através dos meios de comunicação, observar o ‘outro’ e aprender sobre mundos espaço-temporalmente distantes, mantendo um contato vicário com quadros culturais múltiplos e distintos modos de ser” (MAIA, 2000). No país que mais mata

³ Disponível em: <http://redeglobo.com/globocidadania/nas-novelas/noticia/2012/10/cheias-de-charme-valorizou-o-trabalho-das-empregadas-domesticas.html>

transgêneros no mundo é de grande significância a incorporação dessa temática pela mídia, *A Força do Querer* ampliou o alcance de informações conhecidas quase que exclusivamente nos espaços e ambientes tidos como LGBTQ+, distante do restante da sociedade. Ainda sob conforme a postulação de Maia:

O ponto a ser enfatizado para o desenvolvimento de meu argumento é que a mídia, por tornar as formas simbólicas disponíveis para a pública circulação e recepção, pode contribuir de modo importante para que indivíduos e coletividades produzam diferenças cognitivas dentro e entre os grupos sociais. Ela pode colaborar efetivamente para uma proliferação de identidades e um maior dinamismo (MAIA, 2000).

A temática da transexualidade foi trabalhada a partir da trama da personagem Ivana (Carol Duarte), que após o processo de transição, torna-se Ivan. Considerando a complexidade do tema da transgeneridade e a urgência do seu debate, tendo em vista os números alarmantes da violência de motivação transfóbica, também se faz necessário avaliar a forma como essa temática foi abordada, buscando reunir informações que possam colaborar para o aperfeiçoamento da relação entre a temática transgênero e as produções midiáticas. Para este pesquisador, um estudo de recepção é a melhor ferramenta de que se dispõem no momento, para a constituição desse repertório avaliativo, tendo em vista toda a reflexão que o seu exercício pode permitir dentro de uma pesquisa.

Ao longo do percurso desta pesquisa, foi identificada uma histórica ausência da representatividade trans nas produções midiáticas, logo, é possível afirmar que *A Força do Querer* rompe com um processo histórico de negligenciamento por parte da grande mídia, e buscando amplificar o alcance dessas vozes historicamente silenciadas, o estudo de recepção a ser desenvolvido a seguir, pretende lançar-se em busca de um juízo de valor sobre a tratativa da temática dentro da novela de Glória Perez, a partir da avaliação e das opiniões de telespectadores transgêneros, tendo em vista a necessidade urgente de se dar espaço para as falas de pessoas trans, e o conhecimento de causa que elas possuem sobre o assunto.

A recepção, por conseguinte, não é um processo redutível ao psicológico e ao cotidiano, apesar de ancorar-se nessas esferas, mas é profundamente cultural e política. Isto é, os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto micro (ambiente imediato controlado pelo

sujeito) como macro (estrutura social que escapa a esse controle). A recepção é, então, um contexto complexo, multidimensional, em que as pessoas vivem o seu cotidiano. Ao mesmo tempo, ao viverem este cotidiano inscrevem-se em relações de poder estruturais e históricas, as quais extrapolam suas práticas cotidianas (LOPES, BORELLI, RESENDE, 2002, p. 32).

Para o desenvolvimento deste estudo de recepção foram entrevistados, entre os dias 19 de julho e 4 de agosto de 2018, uma travesti e três transhomens. A coleta dos depoimentos aconteceu através de entrevistas, realizadas pessoalmente em dois momentos diferentes, no primeiro deles foi abordado o histórico de vida dos entrevistados e depois suas impressões sobre *A Força do Querer*.

E onde queres o anjo, sou mulher⁴

Quando se pede para que ela conte um pouco de sua história, a primeira coisa que se ouve é, “sempre fui esse ser feminino, aos quatorze anos senti que ser um gay afeminado era pouco pra mim, foi na adolescência que eu percebi que não era um menino” (MÁRCIA, ENTREVISTADA 1). Márcia Fernanda Fernandes⁵ recebeu este pesquisador em sua casa, no condomínio de classe média na cidade de Sorocaba, interior do estado de São Paulo. Entre os funcionários e os moradores das 760 casas do residencial, alguns até desconfiam de parte da história da moradora da casa 83.

Nascida em 24 de novembro de 1984, Márcia estudou a maior parte de sua vida no Sesi de Sorocaba, onde a mãe trabalhava e por isso conseguiu uma vaga na instituição destinada aos filhos dos trabalhadores da indústria da região, a descoberta de sua identidade de gênero fez com que Márcia largasse os estudos aos quinze anos, época em que mergulhou em profunda depressão e não queria mais sair de casa. Tempos depois quando entendeu sua condição, Márcia iniciou o processo de transição, ao lado de uma amiga, também trans, com quem ela dividia as cartelas de anticoncepcional utilizadas para fazer os shakes, tomados pelas duas na busca pelo corpo adequado, “a gente batia as cartelas de anticoncepcional com leite e frutas e tomava, colocávamos uma cartela

⁴ Optou-se por utilizar trechos da música *Quereres* para identificar cada uma das partes deste texto destinadas a apresentar os entrevistados.

⁵ Márcia prefere não revelar o nome masculino.

inteira de cada vez” (MÁRCIA, ENTREVISTADA 1). Márcia não teve acompanhamento médico durante seu processo de transição, os shakes feitos com anticoncepcionais foi uma das práticas realizadas por ela que lhe causaram muitos problemas de saúde.

Onde queres família, sou maluco

As produções midiáticas têm grande importância na história de vida dele, foi em uma das edições do programa *Na Moral*, também da Rede Globo, apresentado por Pedro Bial, que Kaiool Leonard Teixeira, de 22 anos, o caçula de três irmãos conheceu a temática da transexualidade a fundo, e entendeu o que acontecia com ele.

Kaiool nasceu Isabella, mas “não entendia porque tinha que ser” (KAIPOOL, ENTREVISTADO 2). Aos seis anos ele danificava as bonecas que tinha, e pedia pra brincar com os brinquedos do irmão, nessa mesma idade começou a se vestir misturando peças masculinas e femininas, uma forma de se satisfazer e também satisfazer a mãe. A insatisfação com o corpo fazia com que Kaiool colasse chiclete no próprio cabelo, ou pegasse piolhos de outras crianças na escola e colocasse em sua cabeça, para forçar a mãe a cortar seu cabelo bem curto.

E onde queres ternura, eu sou tesão

Lucas Andrey Romano de 22 anos, nasceu Andreza, e diz não ter nenhum problema em falar sobre seu passado, “se hoje eu sou esse homem, é por conta dela, de quem eu fui no passado, se não fosse a Andreza eu não teria toda essa empatia por todos os LGBTs e mulheres” (LUCAS, ENTREVISTADO 3) . Filho único, desde muito cedo Lucas se sentia diferente das demais crianças, por volta dos sete anos percebeu sua atração por mulheres, o que foi um dos primeiros indícios de sua condição, a primeira namorada veio aos quatorze anos, uma colega de escola, relacionamento que foi rejeitado pela direção da escola e provocou o início dos conflitos na sua casa. O pai militar descobriu o namoro na noite da formatura de ensino fundamental e exigiu o fim da relação, por conta disso, Lucas tentou envolver-se com homens, impondo a si mesmo uma heterossexualidade, no entanto o esforço foi em vão, ele voltou a se envolver com mulheres, razão de muitos dos atritos familiares.

Aos dezoito anos Lucas foi expulso de casa, depois de ter colocado um alargador na orelha, indo morar com a avó materna, fase em que começou a trabalhar, e então, por meio de um colega de trabalho, também transhomem, ouviu falar sobre a temática pela primeira vez, a partir daí começou a vestir-se como homem, mas só percebeu-se realmente como homem, um ano e meio depois, após uma longa conversa com outro transhomem que ele conheceu em uma balada, “usava as roupas mas ainda não sabia que era um trans, foi nessa balada que conheci esse cara, a gente conversou e ele me ajudou a quebrar alguns tabus que eu tinha, no dia seguinte me assumi Lucas” (LUCAS, ENTREVISTADO 3).

Do querer que há e do que não há em mim

Danilo Henry Rodrigues Santos é do Candomblé, filho de Ogum, nasceu em São Paulo, tem 25 anos, há cinco descobriu a temática trans, em um encontro LGBTQ+ realizado no bairro do Tatuapé, “uma amiga me mostrou uns vídeos do exterior sobre a temática, e eu percebi naqueles vídeos todo o sofrimento que passei a minha vida inteira, aquela foi a primeira vez que ouvi falar nesse assunto, nem imaginava poder encontrar pessoas trans no Brasil” (DANILO, ENTREVISTADO 4). Mas foi há dois anos, que a vontade de adequar seu corpo aumentou consideravelmente e depois de conhecer uma militante da causa trans na cidade de São Paulo, que Danilo iniciou sua transição, seu primeiro passo foi o tratamento hormonal, procedimento que teve dificuldade para iniciar, por conta de não ter o nome social masculino.

Em 2016 a vida de Danilo mudou, foi pelo Facebook que ele conheceu Tatiane Mello, os dois conversaram e Danilo veio até Itu, no interior de São Paulo para conhecê-la e acabou ficando por dez dias, depois disso acabou deixando a família na capital e mudando-se para o interior, onde encontrou muitas dificuldades para continuar seu tratamento, “falta muita estrutura para atender as pessoas trans aqui no interior, percebo que os psicólogos são muito despreparados, não como lidar com a gente” (DANILO, ENTREVISTADO 4). O mais velho de dois irmãos, sendo um deles apenas por parte de pai, e uma irmã, Danilo conta que o único apoio familiar que recebeu foi o de sua mãe, que irá arcar com os custos da cirurgia para a retirada das mamas, ainda

esse ano, quanto ao seu pai, após a alteração dos documentos o contato entre os dois foi rompido totalmente.

A transsexualidade em *A Força do Querer*

Considerando todo o percurso narrativo de Ivana a Ivan, foram feitas algumas perguntas para os entrevistados, a primeira delas tratava de uma das primeiras polêmicas envolvendo *A Força do Querer*; a escolha de uma atriz (Carol Duarte) uma mulher cisgênero e lésbica, para interpretar o papel de um transhomen, sobre isso os entrevistados disseram:

Não acho que a escolha da Carol tenha sido um problema, claro, o ideal é que fosse realmente um homem trans, mas isso não diminui a importância que a novela teve para a história dos trans no Brasil (MÁRCIA, ENTREVISTADA 1).

No começo, quando disseram que seria uma mulher cis que interpretaria o personagem, eu fiquei incomodado, mas acho que a Carol soube fazer muito bem, o ideal seria que fosse um homem trans, mas a Carol fez um ótimo trabalho (KAIOOL, ENTREVISTADO 2).

Eu, particularmente, colocaria essa representatividade trans, ok, a gente precisa entender que precisa de uma pessoa que tenha essa coisa artística, que seja ator, mas a gente também precisa entender que precisa ter essa representatividade em si, de ser uma pessoa representando as outras (LUCAS, ENTREVISTADO 3).

Eu achei a Carol de uma sensibilidade, ela foi atrás, ela foi pesquisar, ela conversou, ela foi muito madura naquele papel ali que ela tava fazendo, ela não fez só por fazer. A gente só vai ter oportunidade quando as coisas começarem a ser discutidas, e isso já tá acontecendo, né? E eu acredito que quanto mais se fala, mais visibilidade se dá, quanto mais visibilidade se dá, quanto mais visibilidade se tem, mais a gente evolui, existe a discussão, existe o debate, a gente precisa entender o seguinte, o primeiro passo já foi dado (DANILO, ENTREVISTADO 4).

As respostas dos entrevistados permitem concluir, que apesar de considerarem problemática, a escolha da atriz Carol Duarte não diminui a importância que a telenovela teve para a discussão da temática da transexualidade no Brasil, o mais

importante é o alcance que a telenovela tem no país e como isso pode contribuir para a causa, perspectivas que corroboram com as postulações de Mauro Porto:

Devido ao seu papel de orientação e sua popularidade, as novelas brasileiras se tornaram parte central do processo pelo qual cidadãos comuns fazem sentido do mundo da política. Como resultado, apesar de serem frequentemente vistas com descaso, as novelas se tornaram essenciais para entender os dilemas e perspectivas do processo político brasileiro (PORTO, 2002).

Outro ponto abordado foi a maneira como os familiares de Ivana/Ivan lidaram como o seu processo de transição, sobre isso os entrevistados disseram:

Gostei muito da relação dela (Ivana) com o pai, me emocionava, sempre vi muito da minha mãe no pai dela, esse apoio incondicional, minha mãe sempre me apoiou, ela é rara, assim como o pai da Ivana (MÁRCIA, ENTREVISTADA 1).

Acho que focou mais na mãe e no pai dele, eu acho, mas na maioria dos casos é muito mais complexo do que foi mostrado ali, é muito pior o processo de aceitação, são mães que realmente tentam matar seus filhos por serem trans, eu digo matar e não é nem no sentido físico, é matar com palavras mesmo, coisas que eu já ouvi, ali mostrou muito o emocional da mãe, mas deveria mostrar o que as famílias realmente fazem com essas pessoas, e o processo ‘definhoso’ que essas pessoas entram, as pessoas trans; quem machuca, o pai e a mãe quando falam não sabem o quanto aquilo é agressivo (KAIOOL, ENTREVISTADO 2).

Alguns pontos eu me recordo, eram bem reais, a questão, principalmente do desespero da mãe, parecido com o que a minha passou, ela falava, poxa, eu criei uma menina, a minha ‘princesinha’ e a de repente, aos dezoito, eu vejo um homem, então eu acho que toda família, a principio, traz esse desespero, essa coisa, o que tá acontecendo? Por não ter informação, e teve todo o transtorno dela, chegou até a sair de casa, e procurar conforto em outras pessoas, porque a gente sempre espera que a nossa família seja a primeira a nos oferecer apoio, mas é a primeira que está nos julgando, nos apontando os dedos, e não nos dá ouvidos, mas no final conseguiram terminar bem, se saíram todos bem no final, já conseguiam chamar de Ivan, a minha família não consegue me chamar de Lucas, tivemos um final feliz, um entre milhares, na maioria das vezes, na vida real não existe final feliz (LUCAS, ENTREVISTADO 3).

Uma realidade, uma grande realidade, a única diferença ali é que a Ivana tinha dinheiro, o Ivan tinha dinheiro, muitos trans por aí

não tem, infelizmente não tem, eles vão morar na rua, ele teve sorte, ele teve sorte ali, mas tem muito trans que não tem, e simplesmente são postos pra fora de casa e passam por todo tipo de humilhação e preconceito na rua (DANILO, ENTREVISTADO 4).

A análise dos depoimentos sobre a relação entre Ivan/Ivan e sua família gerou algumas divergências entre as respostas, no entanto é possível perceber que para os quatro entrevistados, os conflitos familiares apresentados na novela possuem um lastro com real, chama atenção a abordagem da questão de classe feita pelo Entrevistado 4, permitindo concluir que o processo de aceitação da família Garcia na novela, está relacionado com a condição financeira. Ainda sobre essa questão, também se pode ressaltar a relação de identificação observadas nos depoimentos dos entrevistados 1 e 3.

Um dos pontos mais complicados, no processo de transição retratado pela telenovela foi o uso dos hormônios, sem acompanhamento médico, em nenhum momento ao longo de seu processo de adequação Ivan/Ivan procurou ajuda profissional.

Pra você ter uma ideia do nível de risco a que a gente se expõe, logo depois da minha cirurgia do seio, quando coloquei silicone, eu fui pra Comburui pra trabalhar, fiquei mais de ‘mês’ trabalhando lá, fazendo programas, e rolava um boato de que tinha uma menina, a mais bonita a mais feminina de Comburui, de que ela tomava hormônio pra evitar a cria em vacas, pra você ter uma ideia do risco, se uma falar que se você tomar acido você fica mais feminina, vira mulher, uma meia dúzia vai tentar, entendeu? (MÁRCIA, ENTREVISTADA 1).

É comum não verem a necessidade do seu corpo estar sendo cuidado por um especialista, de estar sendo acompanhado, e junto com essa questão do tratamento hormonal sem acompanhamento, a novela fez a testosterona parecer mágica, você aplica uma vez e você já tem barba, você já tem voz grossa (KAIOOL, ENTREVISTADO 2).

É quase uma realidade né? Se você for parar pra pesquisar mesmo, são poucos os lugares que te oferecem um processo hormonal completo, eu mesmo sou aqui de Sorocaba e não achei nada do tipo, tive que ir pra São Paulo fazer o meu processo, essa questão depende muito dos ambientes estarem preparados para acolher essas pessoas, porque muitas vezes nem o nome correto você terá direito dentro de um lugar desses, porque as pessoas não respeitam, eu vejo por esse lado, de não termos locais que estejam preparados pra nos receber, se há pessoas do tipo, a gente precisa ter locais pra atender a demanda, e em todos pontos deveriam ter profissionais preparados para atender

o pessoal que carece desse atendimento (LUCAS, ENTREVISTADO 3).

A novela trouxe muito da realidade, daquilo que acontece, muitos de nós, inclusive eu, eu sou um dos que começou por conta, quando a gente se encontra sendo Pré-T a gente tem várias dúvidas, não sabe por onde começar, e caí naquela coisa, não vou fazer! É a questão da ansiedade, eu passei a vida inteira em um corpo que não é meu, eu tenho a possibilidade de mudar, de me libertar, então você simplesmente joga as suas amarras fora e vai, sem saber do risco, porque o risco ele é muito grande, mas eu acredito que a grande maioria dos trans começou por conta e depois sim, foi buscar uma ajuda, um acompanhamento, né? (DANILO, ENTREVISTADO 4).

Para essa questão também é possível perceber na maioria dos depoimentos (1, 3 e 4) uma relação de identificação com a representação construída na narrativa da telenovela. Percebe-se que a leitura feita por eles (1, 3 e 4) sobre o tratamento de Ivan sempre remete à falta de assistência médica para pessoas trans no Sistema Público de Saúde (SUS), justificando a automedicação. Cabe ressaltar o potencial educativo da mídia evocado pelo depoimento do Entrevistado 2, o único que avaliou de forma negativa essa questão. Para este pesquisador é possível estabelecer uma relação entre as perspectivas dos quatro entrevistados e a seguinte afirmação de Ione Bentz, “as mídias representam também uma instituição “com que pensar”, ou seja, servem para colocar a realidade em espaços públicos; ambas funcionam como práticas sociais que pressupõem um grau de consenso no que se refere a procedimentos interpretativos (2002).

Desde o início da trama, quando ainda não sabia o real motivo de sua insatisfação com o corpo, Ivan é acompanhado por uma psicóloga, Eva, foram vários momentos em que o personagem, ainda como Ivana, fala sobre a sua insatisfação com o corpo, no entanto em nenhum momento a profissional aborda ou menciona a existência da transexualidade. Essa questão também foi abordada com os entrevistados, e eles responderam:

Eu acho super importante, porque a psicóloga respeitou o tempo todo a busca pela identidade, respeitou a coisa toda, ela esperou a Ivana se encontrar de fato como Ivan (MÁRCIA, ENTREVISTADA 1).

Não é induzir uma pessoa a ser o que é, é abrir portas, até que uma das portas que ela abra seja o caminho que ela quer seguir. Eu acho que faltou comunicação. E eu tenho certeza eu muitos

profissionais da área assistiram a novela pra aprender um pouco mais sobre, porque tem muita falta de informação dos psicólogos sobre isso, aí eles assistiram e pegaram a informação que tiraram dali, e a forma como ela abordou, a forma como ela conduziu a análise influenciou o trabalho de alguns analistas e psicólogos (KAIOOL, ENTREVISTADO 2).

Eu acredito que a psicóloga em si, ela já sabia, porém era algo que o Ivan precisava descobrir, e tem coisas que você precisa mexer no seu íntimo pra descobrir, e quando você passa num psicólogo ou numa psiquiatra ela está ali pra ouvir e muitas das respostas nós mesmos temos, elas simplesmente vão nos ouvir, nos orientar, mas a resposta em si, somos nós que temos a obrigação de descobrir. Então nessa questão ela deixou que Ivan, ainda como Ivana desse várias voltas até se achar, e se descobrisse, descobrisse o que realmente ela é. Existem pessoas que não são trans, mas se ela (psicóloga) dissesse, olha você não acha que você é um trans, a pessoa poderia realmente achar que é um trans, e se não fosse, então eu acho que a psicóloga tava certa, deixar ela descobrir, quem trouxe a resposta foi o próprio Ivan (DANILO, ENTREVISTADO 4).

Nessa questão, nota-se uma concordância entre os entrevistados 1 e 4, defensores da autodescoberta. Sobre a fala do entrevistado 3, este pesquisador a considera inconclusiva e de baixa relevância, por esse motivo ela não incluída. Cabe salientar que o Entrevistado 2, como dito na parte anterior, é estudante de Psicanálise, o que certamente contribuiu para avaliação que ele fez da relação entre Ivan e sua psicóloga. Apesar de considerar válida as colocações realizadas pelos entrevistados 1 e 4, este pesquisador considera a perspectiva número 2 como a mais contributiva para o objetivo do presente trabalho.

Os entrevistados também opinaram sobre a gravidez do personagem:

Achei importante, porque mostrou que homens trans podem engravidar, assim como mulheres trans podem fazer filhos, independente da situação, a partir do momento em que se conserva o genital (MÁRCIA, ENTREVISTADA 1).

Eu acho que o maior barulho que ouvi sobre a gravidez do Ivan foi do próprio movimento LGBT, especificamente da letra T, os homens trans tirando sarro, falando que não era homem, porque homem não engravida, o próprio machismo e preconceito dentro da sigla, e eu acho que a novela mostrou que é possível um homem trans ser pai, gerando o seu próprio filho, mostrou também a importância da saúde, de se ligar nesses assuntos, estar por dentro desses assuntos, porque quando se fala da saúde

da mulher, estão falando de todos que possuem útero e ovário, e não são apenas as mulheres (KAIOOL, ENTREVISTADO 2).

Eu conheço casos de homens que ficaram grávidos, eu não vejo problema nenhum, eu não consigo ver o problema, pra mim não é algo anormal, ela tinha um relacionamento com um cara, ela gostava desse cara, ela se sentia um homem, aconteceu (LUCAS, ENTREVISTADO 3).

Eu não pretendo engravidar, mas têm homens trans que possuem esse desejo, na novela eu achei complicado porque ele estava iniciando sua transição e não tem como um homem trans realizar a transição estando grávido, acho que foi até por isso mesmo que ele sofreu um aborto (DANILO, ENTREVISTADO 4).

Essa é a primeira questão em que se pode observar uma concordância entre as respostas de todos os entrevistados, as quatro respostas avaliam de forma positiva a gravidez de Ivan na novela, percebe-se que os entrevistados tratam a gravidez como um rompimento com o padrão compulsório estabelecido para a maternidade. “Os esquemas corporais ensinados a homens e mulheres, portanto, são constitutivos da percepção do mundo e do lugar que ocupam no mundo” (RONSINI, 2017). Cabe destacar o posicionamento do Entrevistado 2, que com sua resposta também alertou para uma das formas de manifestação das posturas preconceituosas e machistas dentro do movimento LGBTQ+, danosas para os avanços das pautas de toda a comunidade, em especial para o transgêneros.

Os entrevistados também foram questionados sobre suas impressões a respeito da homossexualidade de Ivan.

Grande parte da população não tem acesso à internet, se informa pela televisão, então você tá trazendo pra essas pessoas que não têm o mesmo alcance de debate e informação, uma chuva, uma avalanche de informação de uma vez só. Então é difícil pra digerir, pra entender, essa é parte que eu acho complicada, o que eu achei bom foi que, já que foi, então foi choque de realidade, mas isso complica, porque as pessoas tem a mania de ‘biologizar’ tudo, o tempo inteiro, né? (MÁRCIA, ENTREVISTADA 1).

Eu fui vendo que não era simplesmente colocar um homem lá e o Ivan se apaixonou, teve uma estória bonita por trás, eu achei que foi uma história bacana, e acabou trabalhando os meus próprios conflitos, quando você começa a transição é normal pensar que não pode se interessar por outro homem, que não

pode atrair por outro home, quando na verdade você está quebrando o padrão e acaba querendo construir um outro padrão, impedindo que homens trans fiquem com outros homens, gostei da forma como tudo foi trabalhado, não tenho ponto negativo quanto a isso (KAIOOL, ENTREVISTADO 2).

Ele pode ser o homem que ele é, ele poder gay, ele pode ser bi, ele pode ser hétero, a sexualidade dele é diferenciada da identidade de gênero, deixar isso bem distinto, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, eu achei bem bacana dela realmente trazer isso, de que não existem só padrinhos. Muitas pessoas podem ter se confundido, podem ter se confundido, ok, mas já que é pra confundir, “vamo” confundir de vez (LUCAS, ENTREVISTADO 3).

Eu não vi de uma forma negativa, eu vi que existem várias formas de amor, desde que as pessoas respeitem a si mesmas e a pessoa que tá ao seu lado, não importa o que ela é, o importa é o amor, e eu acho que a novela explicou bem isso, pra essas pessoas ignorantes que acham que tem que ser só aquilo, mas o mundo, ele tá aí. (DANILO, ENTREVISTADO 4).

Percebe-se nas falas, que os quatro entrevistados acreditam que a homossexualidade de Ivan pode ter confundido parte do público, no entanto sua abordagem foi essencial para dissociar orientação sexual e identidade de gênero. Acredita-se ser importante destacar a fala do Entrevistado 4, em que a questão geracional foi incluída, como fator determinante para a compreensão da condição de Ivan na novela. Por fim, aos quatro entrevistados perguntou-se como eles avaliam, de modo geral, a abordagem da transexualidade em *A Força do Querer*.

De modo geral eu achei super importante. Pela exposição, por ter sido abordado o tema, por ter colocado esse tema em discussão, de maneira que abrange aquelas camadas que normalmente não tem acesso a informação dessa maneira, mas achei complicado o fato de Ivan ser uma pessoa rica, privilegiada, realidade que foge do contexto da gritante maioria (MÁRCIA, ENTREVISTADA 1).

Apesar de ter sido muito romantizada em algumas partes, e não podia ser de outra forma, é uma obra de ficção, foi uma experiência bacana, avalio de forma positivo, existiram falhas, mas isso é compreensível tendo em vista que era ficção (KAIOOL, ENTREVISTADO 2).

Eu acho que para pessoas que têm uma certa dificuldade, e a maior parte da nossa população é assim, é importante trazer essas temáticas, principalmente pra essas pessoas alienadas que

assistem as novelas, é bom você trazer essas temáticas do tipo, porque você começa a desconstruir (LUCAS, ENTREVISTADO 3).

Bom, eu avalio de uma forma positiva, porque acabou dando visibilidade, depois que a novela foi ao ar veio a decisão do STF, porque até então pra se fazer uma mudança de nome e gênero a gente precisava entrar na justiça, e isso levava anos e anos, depois da novela e da visibilidade que deu, a gente pode ir em qualquer cartório, levando os documentos necessários pra que a gente mude, (DANILO, ENTREVISTADO 4).

Percebe-se que o conhecimento de causa dos entrevistados permite que eles avaliem a obra de forma complexa, reconhecendo a importância de Ivan no histórico da representatividade trans na grande mídia, e também apontando as falhas existentes dentro desse percurso narrativo. Em dada medida as quatro perspectivas se assemelham, Márcia, Kaiool, Lucas e Danilo reconhecem a importância de *A Força do Querer* para o avanço da temática e popularização no tema, estabelecendo uma relação de identificação com a obra, o que não impede o diagnóstico de pontos e momentos em que essa representatividade ocorreu de forma insatisfatória. “Tendo em vista a reprodução de estereótipos, a propagação de preconceitos e as atitudes discriminatórias contra *gays*, lésbicas e pessoas trans, a televisão assume papel relevante no debate de ideias que giram em torno do assunto” (LOPES, 2017).

Referências Bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. **Narrativa ficcional de televisão: encontro com os temas sociais**. Comunicação e Educação, São Paulo: 7 a 16, jan./abr. 2003.

BENTZ, Ione. **Temáticas culturais: comunicação e sentido**. Texto apresentado no GT Comunicação e Cultura, no 11º Encontro Nacional da Compoós, maio/junho de 2002, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LOPES, Pablo de Oliveira. **Comunicação Audiovisual e Formação de Estereótipos: Homossexualidade na Televisão Brasileira**. Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017.

MAIA, Rouseiley C. M. **Identidades coletivas: negociando novos sentidos, politizando as diferenças**. Texto apresentado no 9º Encontro Nacional da Compoós, maio/junho de 2000, Porto Alegre-RS.

RONSINI, Veneza Mayora. **Telenovelas e a questão da feminilidade de classe**. Texto apresentado no 26º Encontro Anual da Compoós, junho de 2017, na Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.

